

RECURSOS GRAMATICAIIS E EFEITOS DE SENTIDO: ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ANÁLISE

Norma Seltzer Goldstein*

Resumo: O foco central deste artigo é a análise e interpretação de textos como estratégia para o trabalho com leitura em sala de aula. Com essa finalidade, o estudo volta-se para os diferentes aspectos do texto – textual, gramatical e discursivo -, assim como para o papel dos recursos expressivos e estilísticos. As análises propostas visam a evidenciar os efeitos de sentido dos recursos gramaticais, em combinação com os demais aspectos dos textos analisados: trecho de uma entrevista; excerto de um relatório; passagem de um romance; poema.

Palavras-chave: recursos gramaticais; efeitos de sentido; diferentes aspectos do texto.

Abstract: This article focuses on the analysis and interpretation of texts as a strategy for working with reading in the Classroom. To this end, the study encompasses textual, grammatical and discursive aspects of the text as well as the role of expressive means and stylistic features. In order to discuss the effects that grammatical resources have on meaning, in combination with other aspects of the texts, four examples are analysed here: an excerpt of an interview; an excerpt from a report; a passage of a novel; and a poem.

Keywords: grammatical resources; meaning effects; different aspects of the text

Ao se trabalhar com leitura e produção textual, é fundamental levar em conta os diferentes aspectos do texto, particularmente o gramatical, o textual e o discursivo. O emprego dos recursos gramaticais – morfológicos e sintáticos– deve garantir a clareza da linguagem (Castilho, 2010). A organização do texto resulta do modo como os elementos coesivos criam elos entre as partes e, ainda, do desenvolvimento coerente do assunto tratado (KOCH, 1997). Os aspectos discursivos remetem a vários pontos: i) todo enunciado retoma outro anterior e, por sua vez, será retomado adiante por um novo enunciado, assim, é muito frequente a intertextualidade (BAKHTIN, 2003); ii) um ato de enunciação ocorre sempre numa situação de comunicação que deve ser considerada para a compreensão do texto, desvendando qual a relação entre os interlocutores e em qual contexto se encontram; iii) entre os interlocutores supõe-se haver um conteúdo compartilhado: saberes, crenças e valores que circulam no grupo social a que pertencem ou ao qual se referem (PÊCHEUX, 1997); iv) o fato de que os enunciados se materializam em gêneros do discurso sugere a observação do

* Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil,
ngolds@uol.com.br

conteúdo temático; do estilo; da construção composicional. E dado que os gêneros são enunciados relativamente estáveis, o leitor deve estar atento a pistas indicadoras da instabilidade do gênero (BAKHTIN, 2003). Também é preciso levar em conta a heterogeneidade discursiva que, nos textos, resulta na alternância ou superposição de vozes, recurso que influencia significativamente o sentido do texto (CORRÊA, 2004).

Não se pode esquecer que a estilística oferece um instrumental importante para a leitura eficaz e para a análise aprofundada de todos os gêneros (MARTINS, 1989). No caso específico do poema, é importante levar em conta que ele permite mais de uma leitura, ou seja, além da horizontal, também a vertical, dado que seu modo de construção estabelece elos inesperados entre os vocábulos que o compõem e que, fora dele, possivelmente nem se relacionassem (JOLIBERT, 1994).

Tentando não perder de vista essa complexidade, analiso alguns exemplos nos quais destaco particularmente o uso de recursos gramaticais, observando os efeitos de sentido que produzem, em combinação com os demais aspectos do texto e também com os recursos expressivos de estilo.

Duas explicações prévias se fazem necessárias. Primeira: estamos todos cientes de que o ensino deve sempre ser contextualizado. Recorro aqui a amostras isoladas, desligadas de uma situação de comunicação, para ilustrar uma estratégia de trabalho que tem se revelado eficiente. Trata-se apenas de exemplos ilustrativos, pois, em situação escolar, o ensino deve sempre ocorrer em contexto. Segunda explicação: não vou me estender a respeito da fundamentação teórica, dado o objetivo central deste artigo: a análise e interpretação textual. Passo aos textos que serão objeto de análise, sugerindo que meus leitores, se acharem válida a proposta, busquem as fontes teóricas indicadas nas referências do final, além de outras a que tenham acesso.

Texto 1)

O primeiro exemplo é um trecho da entrevista concedida pelo Professor Ataliba Teixeira de Castilho à revista *Pesquisa FAPESP*, apresentada pela publicação com o título “O linguista libertário”. Esse título resume o perfil de um linguista brasileiro reconhecido internacionalmente, autor de obras de peso e coordenador de grupos de pesquisa nacionais no âmbito da língua falada e da História do português brasileiro. Neste recorte da entrevista, uma das respostas do entrevistado estabelece um paralelo entre dois tipos de estudiosos da língua.

Os gramáticos e os linguistas

[...] O gramático tem uma percepção muito estrita da língua. Ele se vê como alguém que tem de defender a língua da mudança. Os linguistas também falam de regras porque consideram seu dever explicá-las, mas não ficam só nisso e as vêem como uma grande curiosidade. Por que é assim? Sempre foi assim? É assim em todos os lugares? O gramático fica envolvido na aplicação das regras e vê as coisas novas como erradas e as velhas como certas. [...] Como se eles dissessem: “Tem de falar e escrever de acordo com as regras. Não fale errado!” E as pessoas, com medo de não conseguir, falam e escrevem pouco. Esse é um efeito da pregação do gramático tradicional. Não foi bom. O cidadão tem de se sentir à vontade para se expressar, participar dos debates, desenvolver o espírito democrático. [...] Foi só com a lingüística que se ampliou o olhar e se passou a considerar que qualquer assunto é digno de estudo. [...]

Fonte: “O linguista libertário”, in **Revista Pesquisa FAPESP**, setembro de 2017, p. 30-35)

O excerto se desenvolve numa alternância de comentários, ora sobre o gramático tradicional, ora sobre o linguista, cujas visões da língua seriam bastante diversas. Isso transparece na voz do entrevistado, assim como naquela que seria a do gramático – pontilhada na transcrição abaixo.

O gramático é apresentado como um estudioso inflexível: *tem uma percepção muito estrita da língua[...] tem de defender a língua da mudança. [...] O gramático fica envolvido na aplicação das regras e vê as coisas novas como erradas e as velhas como certas.[...] “Tem de falar e escrever de acordo com as regras. Não fale errado!”*

Em contraste, o linguista é apresentado como um cientista observador, isento de preconceitos, tanto pela voz do entrevistado quanto pelas interrogações do próprio linguista, pontilhadas na citação que segue: *Os linguistas também falam de regras porque consideram seu dever explicá-las, mas não ficam só nisso e as vêem como uma grande curiosidade. Por que é assim? Sempre foi assim? É assim em todos os lugares? O cidadão tem de se sentir à vontade para se expressar, participar dos debates, desenvolver o espírito democrático. [...]*

Foi só com a lingüística que se ampliou o olhar e se passou a considerar que qualquer assunto é digno de estudo. [...]

As formas verbais, nas passagens que traduzem a voz do entrevistado, remetem ao presente do indicativo histórico, por conceituar fatos duradouros, como ilustram algumas delas: *tem, se vê, falam, ficam* etc.

Nos trechos em que se manifesta a voz do linguista questionador, as formas verbais mesclam presente e pretérito perfeito do indicativo: *é, foi, é*. Já a fala do gramático, - coerentemente com o perfil dele no texto -, apresenta formas autoritárias: o verbo “ter” no presente, seguido da preposição “de” e, em seguida, o imperativo indicando conselho ou ordem: *“Tem de falar e escrever de acordo com as regras. Não fale errado!”*

Além da apresentação dos dois perfis, o entrevistado também aponta uma espécie de efeito ou resultado negativo da rigidez proposta dos gramáticos: *E as pessoas, com medo de não conseguir, falam e escrevem pouco. Esse é um efeito da pregação do gramático tradicional. Não foi bom. O cidadão tem de se sentir à vontade para se expressar, participar dos debates, desenvolver o espírito democrático. Foi só com a lingüística que se ampliou o olhar e se passou a considerar que qualquer assunto é digno de estudo. [...]*

O efeito nocivo do autoritarismo gramatical é acentuado pela escolha lexical, como ilustram os termos *pregação; cidadão; participar de debates; desenvolver o espírito democrático; ampliou o olhar; qualquer assunto é digno de estudo*.

A reflexão presente na resposta em análise leva o leitor a perceber que, ao se pesquisar ou estudar determinado assunto, ao lado das noções relativas ao tema de interesse, o pesquisador, inevitavelmente, assume (e deixa transparecer) uma posição ideológica reveladora de sua visão de mundo. Isso se percebe não só pelo que diz, mas também pelo modo como diz. O sentido do texto é construído pelo léxico empregado, pela sintaxe, pela heterogeneidade das vozes, tanto quanto pelos conceitos expostos. A passagem analisada, de certo modo, ilustra e confirma o título atribuído à entrevista.

Texto 2)

O segundo exemplo é de Graciliano Ramos. Em 1927, ele foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios, pequena cidade de Alagoas, cargo ao qual renunciou três anos depois.

Nessa função, elaborou um relatório de atividades, elencando suas realizações no cargo que ocupou. Sendo o relatório um documento oficial, esse gênero discursivo costuma ter posição de distanciamento e ser redigido em linguagem formal.

Passo à leitura de um dos tópicos do relatório de Graciliano Ramos.

Reformadores

O esforço empregado para dar ao Município o necessário é vivamente combatido por alguns pregoeiros de métodos administrativos originais. Em conformidade com eles, deveríamos proceder sempre com a máxima condescendência, não onerar os camaradas, ser rigorosos apenas com os pobres diabos sem proteção, diminuir a receita, reduzir as despesas ao vencimento dos funcionários, que ninguém vive sem comer, deixar esse luxo de obras publicas à Federação, ao Estado ou, em falta deles, à Divina Providência.

Belo programa. Não se faria nada, para não descontentar os amigos: os amigos que pagam, os que administram, os que hão de administrar. Seria ótimo. E existiria por preço baixo uma Prefeitura bode expiatório, magnífico assunto para commérag¹ de lugar pequeno.

Fonte: Graciliano Ramos. **Relatório do prefeito de Palmeira dos Índios.** Entre Livros 17, São Paulo: Editora Duetto, 1962, p. 58-59.

Começo pelo exame do primeiro parágrafo.

O período inicial tem o verbo da oração principal na voz passiva. Desse modo, o *esforço empregado* torna-se sujeito paciente. Esse esforço tinha como finalidade *dar ao Município o necessário*. A opção pelo emprego da voz passiva aponta duas sugestões complementares ao sentido da passagem: primeiramente, a categorização do “*esforço*” como paciente antecipa ao leitor o contrário do sentido da palavra: ele se fragiliza, torna-se secundário; em segundo lugar, essa construção coloca em destaque os agentes da ação: ele *é vivamente combatido por alguns pregoeiros de métodos administrativos originais*. Os agentes, enfatiza a sintaxe, são aqueles que combateriam o esforço do administrador, em vez de apoiá-lo.

¹ Conversa indiscreta, fofoca.

Conforme as características do gênero, a linguagem é formal. Mas o tom não corresponde em absoluto ao distanciamento que costuma estar presente no gênero relatório. Em vez disso, o relator abre espaço a uma fina ironia que, no primeiro período, decorre de dois recursos: do léxico empregado e do uso da voz passiva. Esta, como já foi dito, põe em destaque a fragilidade do “esforço” e a atuação dos agentes da passiva. Estes seriam opositores que apregoam métodos administrativos “*originais*”. Este último termo instaura uma ambigüidade que a sequência do texto amplia consideravelmente.

Segundo os pregoeiros: i) *deveríamos proceder sempre com a máxima condescendência, não onerar os camaradas*, isto é, poupar os abastados e conceder-lhes favores; ii) *ser rigorosos apenas com os pobres diabos sem proteção*, ou seja, agir de modo injusto em relação aos menos favorecidos; iii) *reduzir as despesas ao vencimento dos funcionários* ou, em outras palavras, limitar as despesas ao gasto com pessoal; iv) *diminuir a receita, deixar esse luxo de obras públicas à Federação, ao Estado*, quer dizer, descuidar do município, a não ser que venham verbais estaduais ou federais. A nota irônica maior fica para o final: *ou, em falta deles, à Divina Providência*.

No primeiro período, a forma verbal predominante é o presente do indicativo, seja na voz passiva, seja na ativa. Já no segundo, além dessa forma, está presente o futuro do pretérito apontando hipóteses que seriam indesejáveis e inadequadas do ponto de vista do relator.

Passo ao segundo parágrafo, iniciado por uma frase nominal: *Belo programa*. O adjetivo acentua a ironia do comentário e o tom crítico que percorre a sequência: *Não se faria nada, para não descontentar os amigos: os amigos que pagam, os que administram, os que hão de administrar. Seria ótimo*. O contraste entre o projeto proposto pelos “amigos” e o adjetivo do final – “*ótimo*”- amplia e aprofunda o tom irônico. A forma verbal “*faria*”, no futuro do pretérito, aponta para uma nova hipótese: *E existiria por preço baixo uma Prefeitura bode expiatório, magnífico assunto para commérage de lugar pequeno*. Nova hipótese contida no futuro do pretérito do verbo “*existir*” aponta o risco que o prefeito-redator não parece disposto a assumir. A nota irônica, que vinha num crescendo coerente ao longo do excerto, atinge o ápice na citação do termo francês *commérage*.

Assim, ao mesmo tempo em que absorve as características principais do gênero – linguagem formal e temática referente ao cargo do redator -, essa passagem cria uma

instabilidade no gênero, incluindo na escrita elementos irônicos que o leitor percebe e que, indiretamente, mostram o desagrado do prefeito em relação à posição de certos cidadãos.

Esse relatório, como já foi dito, data da segunda década do século XX e relata o quadro político de uma cidade alagoana. O leitor e eu somos levados a questionar: estendendo para a realidade nacional, encontraríamos semelhanças à nossa volta, nos dias de hoje?

Texto 3)

O próximo excerto faz parte do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e retrata o namoro adolescente de Bentinho e sua vizinha, Capitolina, apelidada de Capitu. Como é sabido, o estilo desse autor é muito elaborado, fato que a maioria dos leitores conhece. Como a maioria deles compartilha esse dado discursivo, ao se ver diante de um trecho machadiano, logo surge a expectativa de encontrar uma linguagem elaborada e marcada por recursos de estilo.

A inscrição

(...) Dei um pulo, e antes que ela raspasse o muro, li estes dois nomes, abertos ao prego, e assim dispostos:

BENTO

CAPITOLINA

Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. Não marquei a hora exata daquele gesto. Devia tê-la marcado; sinto a falta de uma nota escrita naquela mesma noite, e que eu poria aqui com os erros de ortografia que trouxesse, mas não traria nenhum, tal era a diferença entre o estudante e o adolescente. Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.

Não soltamos as mãos, nem elas se deixaram cair de cansadas ou de esquecidas. Os olhos fitavam-se e desfitavam-se, e depois de vagarem ao perto, tornavam a meter-se uns

pelos outros... (...) Estávamos ali com o céu em nós. As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas uma só, mas uma só criatura seráfica. Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas, as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham...

Fonte: Machado de Assis. *Dom Casmurro*, in *Obra Completa*, org. por Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1962, volume 1, p. 821-822)

O trecho progride gradativamente da descoberta do sentimento recíproco ao enlaçamento das mãos, em meio ao silêncio cúmplice. Alternam-se trechos narrativos e comentários do narrador-personagem. Cabe ao leitor perceber qual a voz predominante de cada passagem: a de quem narra ou a de quem reflete sobre os fatos. Retomo o segundo parágrafo no qual a voz do comentador vem pontilhada:

Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. Não marquei a hora exata daquele gesto. Devia tê-la marcado; sinto a falta de uma nota escrita naquela mesma noite, e que eu poria aqui com os erros de ortografia que trouxesse, mas não traria nenhum, tal era a diferença entre o estudante e o adolescente. Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.

Nos dois primeiros períodos, assim como no quarto e quinto, a voz é a do narrador. Neles predominam formas verbais no pretérito perfeito, típico dos relatos e das narrativas – *voltei; ergueu; ficamos; falamos; falou; movemos; estenderam*. Também há um pretérito imperfeito – *tinha*- e três formas no gerúndio, indicando simultaneidade à ação do verbo principal. No primeiro trecho, em que prevalece a voz do comentário, essa voz fica evidente pelo emprego do vocativo ‘*confissão de crianças*’. Nessa passagem o pretérito imperfeito é empregado com valor de futuro do pretérito: “*valias*” por “*valerias*”. Em seguida, vem o presente do indicativo – *quero*. A segunda ocorrência da voz do comentário, em trecho mais longo, apresenta uso variado das formas verbais: pretérito perfeito – *marquei*-, pretérito

imperfeito com valor de futuro do pretérito – *devia ter* por ‘deveria ter’-, presente do indicativo – *sinto* -, futuro do pretérito – *poria* e *traria*- imperfeito do subjuntivo – *trouxesse*- pretérito imperfeito – *era*. Além da escolha lexical, a organização sintática com uso das várias formas verbais também é pista que indica ao leitor ser essa a voz do comentarista e não, do narrador.

Todo o texto dialoga com o(a) leitor(a). Nesta passagem, o diálogo é duplo, pois ocorre, alternadamente, entre leitor e narrador; e, ainda, entre leitor e comentador dos fatos.

O segundo parágrafo é todo narrativo e nele ressalta o emprego de figuras de linguagem, dentre elas: personificação – *confissão de crianças; o muro falou por nós; as mãos; Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas*; antíteses-- nesse contexto: *estudante x adolescente; escrever x amar; tinha orgias de latim x era virgem de mulheres; faziam das duas criaturas uma só, mas uma só criatura seráfica*; metáfora: *Estávamos ali com o céu em nós*. No período final, acumulam-se metáfora, personificação e paradoxo: *Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas, as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham...*

Apesar de a passagem ser relativamente curta e o episódio bastante simples, Machado de Assis, graças ao extraordinário manuseio da linguagem, apresenta uma cena elaborada que permite perceber todas as nuances emocionais vividas pelos jovens namorados.

Texto 4)

A paz

Ter em minhas mãos

Uns jasmims com sol,

Com o primeiro sol;

Saber que amanhece

Em meu coração;

Ouvir de manhã

Uma única voz...

É tudo o que eu quero.

Regressar sem ódios,

Calmo adormecer,

Sonhar ter nas mãos

Silindras com sol,

Com o último sol;

Dormir escutando

Uma única voz...

É tudo o que eu quero.

Fonte: Juan Ramón Jimenez. Trad. de Manuel Bandeira. in *Estrela da vida inteira*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1966, p.464-465.

Trata-se de um poema regular com dois sextetos, cada um deles seguido de um verso solto. Os recursos fônicos característicos do gênero “poema”, são visíveis nas rimas, como ilustram *mãos / coração*, consoantes, na primeira estrofe; *sol / voz*, toante, e *último / único*, igualmente toante, na segunda; rimas essas irregularmente distribuídas no poema. Recursos sonoros manifestam-se também nas repetições de palavras, como *sol*; e de versos: o último das duas estrofes, além do verso solto também duplamente recorrente. Ressoam, ainda, aliterações – *s*, *r*-, e assonâncias- *o*, *e*, *u*-.

O autor viveu no final do século XIX e na primeira metade do XX. Sendo espanhol, viu seu país passar longo período sob regime ditatorial, dado importante para circunscrever o título: *paz*. Ainda que tranquilidade e paz sejam desejos de muitos cidadãos, países e épocas, esse sonho se acentua nos momentos históricos em que parece mais difícil de ser obtido. O desejo de paz é caro ao ser humano, desde muito tempo. O tema é recorrente, retomado em muitos enunciados do passado. Provavelmente ocorra o mesmo em tantos outros futuros.

A coesão e a coerência textuais são garantidas pelas recorrências sonoras, pela composição simétrica, assim como pela organização sintática, comentada adiante.

Cabe atentar aos recursos gramaticais e seus efeitos de sentido e estilo. Começo pelas duas estrofes simétricas que se compõem sintaticamente de uma série de orações coordenadas, na forma de enumeração. Nelas predominam formas verbais no infinitivo impessoal – *ter*, *saber*, *ouvir*– na primeira; *regressar*, *adormecer*, *sonhar*, *dormir*-, na segunda. O verbo “*amanhece*”, na primeira estrofe, encontra-se em oração subordinada adjetiva, não na oração principal. Na segunda, o verbo “*ter*” tem posição similar; também se encontra em oração subordinada, neste caso, uma substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo, complemento do verbo “*sonhar*” da oração principal. Ocorre o mesmo no caso do gerúndio “*escutando*”, em oração subordinada adverbial temporal, indicando ação simultânea à do verbo “*dormir*” da oração principal.

As formas verbais no infinitivo impessoal, predominantes ao longo das duas estrofes, sugerem que os desejos expressos por elas remeteriam de modo genérico a todas as pessoas. Na primeira enumeração, as flores e o nascer do sol são espelhados no amanhecer da esperança, na escuta de *uma única voz*, ilustrando o desejo da paz no início do dia. Na segunda, a expressão “*sem ódios*” envolve o regresso ao lar na luz do sol poente e remete ao desejo de ter nas mãos as folhagens perfumadas das silindras no mais tranquilo dos sons, aquele que permite encerrar o dia ouvindo *uma única voz*, expressão que sugere concordância, acordo, harmonia.

O sol nas flores, na estrofe 1, e na folhagem, na estrofe 2,- configura a alegoria da própria vida que depende da luz e do calor desse astro. Considere-se a aliteração de ‘s’ em vários termos, particularmente em “Sonho” e “Sol”, e assim fica sugerida sonoramente a aproximação entre o sonho e a fonte da vida, o *sol*.

Passo agora ao verso solto: “*É tudo que eu quero*”. Em tom afirmativo, ele se organiza sintaticamente em duas orações: na primeira, o verbo “ser” está conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo; na segunda, o verbo “querer” é empregado na primeira pessoa do singular do mesmo tempo verbal, em contraste com as formas nominais impessoais enumeradas nas duas estrofes. O uso do infinitivo impessoal nas duas estrofes indicaria o desejo da paz generalizada e estável, enquanto o uso do presente do indicativo no verso solto expressa a declaração da vontade dinâmica do criador do poema.

Todos os aspectos do texto apóiam o sentido do poema. A escolha lexical, a coesão e coerência, o contexto, os recursos gramaticais morfológicos e sintáticos. Esses aspectos se combinam e se superpõem, enfatizando a força do desejo de paz: a paz simples de uma vida que começa e termina o dia em harmonia. A harmonia simples e suave dos que estão de bem com a vida. É esse o sonho do poeta e, talvez, também o do(a) leitor(a).

Referências

ASSIS, M. de. Dom Casmurro. In: COUTINHO, A. (Org.). *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962, volume 1, p. 821-822.

BAKHTIN M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ªed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2010.

_____. O linguista libertário. In: *Revista Pesquisa FAPESP*, setembro de 2017, p. 30-35. (Entrevista concedida a Carlos Fioravanti).

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo da constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção texto e linguagem).

JIMENEZ, J. R. A Paz. Trad. Manuel Bandeira. In: BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966, p.464-465.

JOLIBERT, J. et al. *Formando crianças produtoras de textos*. volume II. Tradução: Walkiria M. E. Sttineri e Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo, T.A. Queiroz / EDUSP, 1989. (Biblioteca universitária de língua e lingüística v. 8).

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas (SP): Pontes, 1997; Ed. original 1983.

RAMOS, G. *Relatório do prefeito de Palmeira dos Índios*. Entre Livros 17, São Paulo: Ed. Duetto, 1962, p. 58-59.